

## MÁQUINAS DO SAGRADO: O EXORCISMO COMO DISPOSITIVO DE CORREÇÃO COMPORTAMENTAL NA CHARNEIRA DE DUAS ERAS (1990-2025)

Davi Silva Franco<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19980868>

19

### RESUMO:

Este artigo analisa como exorcistas, no fim do século XX, através da publicação de livros, utilizam o discurso do exorcismo para enfrentar a crise institucional da Igreja diante da modernidade e da secularização. Busca-se compreender como o exorcismo é utilizado como instrumento na correção comportamental, reintegração de fiéis a ortodoxia e restauração da autoridade eclesial. A partir de 1990 há uma crescente produção de livros por exorcistas como Amorth, que atribuem à ausência do ritual no século XX como catalisador de uma decadência espiritual que estariam submergidos. Livros como *um exorcista conta-nos* (1990) e *O último exorcista* (2010), além de documentos oficiais da Igreja, compõem o inventário de fontes utilizado para esta pesquisa que os entende como instrumentos num esforço desses exorcistas voltado à formação moral dos fiéis.

**Palavras-Chave:** Livros; Exorcismo; Modernidade.

### ABSTRACT:

This article analyzes how exorcists, at the end of the 20th century, through the publication of books, employ the discourse of exorcism to confront the institutional crisis of the Church in the face of modernity and secularization. It seeks to understand how exorcism is used as an instrument for behavioral correction, reintegration of the faithful into orthodoxy, and restoration of ecclesial authority. From 1990 onwards, there is a growing production of books by exorcists such as Amorth, who attribute the absence of the ritual in the 20th century as a catalyst for the spiritual decline in which society is submerged. Books such as *An Exorcist Tells His Story* (1990) and *The Last Exorcist* (2010), along with official Church documents, comprise the source inventory used in this research, which understands them as instruments in the exorcists effort aimed at the moral formation of the faithful.

**Keywords:** Books; Exorcism; Modernity.

## 1 INTRODUÇÃO

O último quartel do século XX assistiu a uma reconfiguração profunda do papel da religião nas sociedades ocidentais. Marcado por um avanço progressivo da secularização, processo que refere-se ao declínio gradual das religiões tradicionais frente os avanços da modernidade Weber (2007),

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de pós-graduação em História, Cultura e espacialidades da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisa fomentada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: [davistinsson@gmail.com](mailto:davistinsson@gmail.com). Telefone: (88) 9 9738-3784.

atravessada também pela pluralização das crenças e pela fragmentação das identidades religiosas, em um contexto que, dado um enfraquecimento do poder controlador central da Igreja católica, haja visto o processo de laicização dos estados nacionais, e um mercado cada vez mais globalizado, possibilita, fugindo do alcance da Igreja, novas e diversas formas de experiência religiosa Hervieu-Léger (2008).

Todo esse processo produziu, no interior da Igreja Católica diferentes reações, ao que se percebeu como uma crise de autoridade e de sentido da própria fé. É nesse contexto de crise do catolicismo que se inscreve o movimento de revitalização do exorcismo<sup>2</sup>, agenciado e organizado por padres exorcistas que fundaram oficialmente em 94 a AIE<sup>3</sup> (Associação Internacional dos Exorcistas), mas que desde a década de 1990, passaram a se reunir e catalisar esforços que se traduzem em publicação livros, conceder entrevistas e intervir no debate público para denunciar uma intensificação sem precedentes da ação demoníaca no mundo contemporâneo.

Segundo esses exorcistas escritores como Gabrielle Amorth<sup>4</sup>, o grande exorcista de Roma, Francesco Bamonte<sup>5</sup> que presidiu a associação por alguns anos, e tantos outros, a atuação do demônio nunca foi tão livre, forte, intensa e organizada quanto nas últimas décadas do século XX, e segundo eles, a própria Igreja carregava parte da culpa desse cenário de crise institucional.

Tal leitura está profundamente enraizada em uma visão crítica da modernidade, vista como um terreno fértil para o afastamento do homem ocidental da fé católica. A rejeição dos dogmas, a recusa da autoridade eclesiástica, o contato com outras religiões e o surgimento de novas formas de espiritualidade com uma circulação pela globalização e pelas tecnologias da informação são identificados todos como sintomas de um cenário de desagregação espiritual e moral, no qual o diabo seria arditamente o responsável por todas as mudanças tecnológicas, culturais e sociais que tenderam ao afastamento gradual da religião tradicional.

Segundo Hobsbawn (1997), a Igreja e a família tradicional foram as instituições que mais desabaram e foram solapadas pelo individualismo moral e pelas mudanças do último terço do século XX, essa crise institucional é denunciada por esses exorcistas como provas cabais da ação nefasta e silenciosa do diabo que entranha-se em todos os âmbitos da vida humana pelas vias da mídia e da tecnologia moderna.

---

<sup>2</sup> Entende-se o exorcismo, neste contexto, como prática ritual católica voltada à expulsão de entidades demoníacas, cuja eficácia se ancora na autoridade da linguagem litúrgica e na circulação de saberes religiosos codificados em manuais e testemunhos escritos, muitos desses, formatado como um livro e posto no mercado editorial.

<sup>3</sup> A Associação Internacional dos Exorcistas, fundada em 1990 por sacerdotes católicos, reúne especialistas no rito do exorcismo, promovendo intercâmbio de experiências, atualização teológica e pastoral, além de orientações baseadas em documentos oficiais da Igreja. Formada em contexto de resposta à crise de incredulidade.

<sup>4</sup> Gabriele Amorth (1925–2016), padre italiano e exorcista oficial da diocese de Roma desde 1986, foi fundador (1990) e primeiro presidente da Associação Internacional dos Exorcistas; autor de diversos livros, declarou ter realizado dezenas de milhares de exorcismos, projetando o rito no debate público moderno.

<sup>5</sup> Francesco Bamonte (1960), sacerdote italiano, exorcista desde meados do século XX, já atuou como presidente da Associação Internacional dos Exorcistas, coordenou a elaboração das “Diretrizes para o Ministério do Exorcismo” (2020), destacando a necessidade de formação técnica e desmistificação do ofício.

Assim, o mal, assume uma feição historicamente situada, sendo lido pelos exorcistas como expressão de um processo iniciado com o Iluminismo e radicalizado a partir do pós-guerra.

Dessa forma, é sintomático que essa retomada do discurso exorcístico ocorra após o Concílio Vaticano II (1962–1965), momento em que a Igreja buscou atualizar suas práticas e doutrinas diante das exigências do mundo moderno, promovendo, inclusive, um certo silenciamento institucional do tema do demônio e dos exorcismos.

Laykook (2022) reflete sobre como a Igreja buscou principalmente durante segunda metade do século XX minimizar os aspectos que imediatamente remetiam a uma realidade sobrenatural, em um movimento político que buscava relocalizá-los dentro da realidade moderna, junto de demais estratégias de aproximação social que buscavam voltar a atingir uma população mais jovem, que gradualmente se afastava, e mitigar uma imagem comum dos católicos como religiosos retrógrados e fechados aos conhecimentos científicos.

Podemos entender esse movimento da Igreja como uma estratégia que adota as transformações doutrinárias e reorganizações da ordem em tempos de crise como ferramentas para manutenção do poder que garantam a perpetuação da própria ordem religiosa, mobilizando políticas e recursos que garantam a continuidade do monopólio religioso quando possível, ou minimamente a continuação de alguma parcela de relevância social (Silva e Batista, 2018).

O que se observa nos anos 1990, portanto, é uma reação a essa inflexão modernizadora do catolicismo. Padres como Gabriele Amorth e Francesco Bamonte, principais expoentes desse movimento, constroem uma narrativa em que a invisibilidade do diabo seria, ela mesma, uma de suas estratégias mais eficazes de ação, promovendo uma descrença generalizada em sua existência e, por consequência, no poder salvador da Igreja.

O discurso desses exorcistas propõe, então, uma releitura do ritual de exorcismo como ferramenta decisiva para o enfrentamento das forças espirituais do mal que operariam no tecido social. Mas não se trata apenas de uma recuperação litúrgica. O exorcismo é apresentado como mecanismo de reintegração religiosa e moral de sujeitos afetados por problemas que vão da possessão demoníaca a desordens familiares, sexuais e financeiras. Sua eficácia, contudo, depende da disposição voluntária do indivíduo em abandonar condutas desviantes e retomar uma vida cristã sob os mandamentos da Igreja, reafirmando, assim, o papel disciplinador do rito, onde no fim, as situações onde o sujeito é “curado” ele é reintegrado a ordem religiosa católica a medida que há uma mudança comportamental no sujeito.

O ritual é então apresentado nos livros escritos e publicados por esses exorcistas como uma ferramenta de combate a uma realidade contemporânea atravessada por ações e planos diabólicos. Através da análise dos livros perceberemos que há um sentido para toda a urgência posta por esses exorcistas ao denunciarem uma realidade infestada por demônios que adentram as casas através de meios de comunicação, produções midiáticas e contato com religiões não cristãs, ditas ocultistas.

Um século do diabo, como Amorth o século nomeia XX (1990), onde os possesores e aqueles que sofrem de malefícios causados por um ato de bruxaria se multiplicam aos milhares, e num contexto onde Igreja, toma uma postura compassiva, ao invés de combativa, é o cenário onde esse grupo de padres exorcistas se reúnem passam a escrever e publicar livros embasados na sua experiência pessoal exorcística, sendo constantemente respaldado por escritos teológicos diversos.

Nota-se que a partir do concílio do Vaticano II, surgiu ondas de conservadorismo que discordavam dessa postura tomada pela Igreja, esses exorcísticas podem ser lidos como uma das maiores expressões dessas ondas de um conservadorismo católico. Figuram assim, a expressão de uma tradição religiosa que se recusa a passar e a ser superado por diretrizes científicas, contudo mais do que isso, resgatam o ritual de exorcismo como uma ferramenta de correção comportamental, haja vista que, em síntese, como será apresentado, a solução de problemas pessoais que podem ser resultado de obsessões demoníacas, se realiza em última instância na mudança comportamental do sujeito, e a sua reintegração a ordem religiosa católica “uma vida cristã”, sendo nessa leitura, o ritual exorcístico como um violento marcador que conduz a mudança de vida, não é mais do que se não a ritualização de uma drástica mudança de vida.

Serão analisadas como fontes um conjunto de livros escritos por esses exorcistas a partir de 1990, quando começam a se reunir para organizar o ministério exorcístico. Esses livros tem um forte caráter testemunhal que os atravessa por inteiro, utilizando da experiência e vivida do ministério de exorcismo como constitutiva de um saber empírico, e figurando nesses livros como principal marcador de verdade, que garante a legitimidade do que escreve.

Não somente, esses livros também possui um forte caráter de “estudo” teológico, onde as passagens bíblicas e canônicas da Igreja Católica são abordadas a luz da reflexão de seu projeto de Igreja combativa ao demônio, buscando através disso elencar mais elementos de legitimidade ao texto, ao apresentar seus discursos exorcístico em consonância com os ditos escritos canônicos e bíblicos.

São ainda esses livros escritos nesse formato com um sentido político claro e explícito várias vezes no próprio texto, uma orientação pastoral, que busca guiar os leitores a aderirem a uma determinada forma de pensar sobre o fenômeno da possessão demoníaca e da realidade como um todo.

É nesse momento oportuno para estabelecer uma conexão teórica e conceitual com Roger Chartier, que apresenta uma sofisticada discussão sobre uma abordagem histórica dos livros.

O autor, o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva. Por outro lado, a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos (Chartier, 1998, p. 7).

Nesse sentido, esses livros tomados como fontes serão entendidos no que Chartier chama de representação, um objeto que através da organização de discursos e imagens busca produzir um sentido, um significado para um determinado objeto ou fenômeno que compõe a realidade, desempenhando uma função simbólica ao passo que busca endossar ou transformar diretamente nos sujeitos as modalidades de apreensão da realidade que ao mesmo tempo, refletem e moldam seus próprios interesses, nas palavras do próprio autor “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (Chartier, 2002, p. 17).

Por fim, este trabalho parte da hipótese de que o ressurgimento do discurso exorcístico está diretamente vinculado a transformações históricas mais amplas, que dizem respeito à crise de hegemonia da Igreja Católica no Ocidente contemporâneo. Ao analisar os textos e intervenções públicas dos exorcistas ligados à Associação Internacional dos Exorcistas, busca-se compreender em última instância como o exorcismo é mobilizado como forma de resposta simbólica e institucional à modernidade, servindo como instrumento de reintegração religiosa e de reafirmação da autoridade eclesiástica frente ao pluralismo espiritual e a crise da incredulidade do tempo presente.

## **2 EXORCISTAS E BISPOS CÉTICOS, DOIS PROJETOS DE IGREJA.**

Parte-se da observação que os exorcistas da AIE, formam a instituição e publicam uma série de livros denunciando uma realidade diabólica vivenciada na modernidade, onde os demônios “agem” com maior liberdade do que em outros momentos históricos, tema abordado de maneira convergente em quase todas as fontes estudadas, e explicado em todas elas pelas mesmas constantes, o afastamento, e uma resistência popular a Igreja por parte das gerações mais jovens, e o contato com diversas religiões e diferentes formas de pensar a dimensão espiritual, contato esses facilitado pela globalização e internet.

Segundo os exorcistas, o diabo estaria por trás desses dois grandes problemas, que estariam a ameaçar a perpetuação do catolicismo, ameaçando o fim do ministério de cristo na terra (Amorth, 1990), e, portanto, mereciam esses assuntos, uma atenção urgente de todo o povo cristão, de toda a Igreja.

A partir da década de 1990, os exorcistas católicos passaram a denunciar, em suas publicações, uma realidade marcada pela ação do diabo e de seus seguidores, alertando para os perigos que ameaçam os sujeitos e para as formas de atuação demoníaca. Anunciam dessa forma o ritual de exorcismo como a ferramenta deixada por cristo para combaterem o demônio, e, portanto, vendem a ideia para a própria Igreja de que, o ministério exorcístico é o que ela precisa desesperadamente pra fazer frente a essa realidade demoníaca, e para os fiéis, o ritual de exorcismo pode ser a solução para

uma infinidade de problemas, haja vista que as investidas demoníacas podem tomar a forma de problemas matrimoniais até problemas financeiros.

O aspecto a ser observado neste ponto, que será refletido a fundo nesse trabalho, é como esse ritual opera, dentro de sua linha operatória lógica, como uma complexa instituição de “reintegração religiosa”, que através do ritual do exorcismo, tem a intenção última, de integrar, ou ainda de reintegrar um sujeito que enfrenta determinado problema a comunidade religiosa católico-cristã, ao passo que, realinha os comportamentos do sujeito, e integra-o nas práticas e rituais litúrgicos católicos, haja vista que, todos os exorcistas explicam que o passo mais importante para o sucesso do exorcismo, é a ação voluntária do indivíduo, de abandonar os comportamentos que estariam servindo de entrada para o demônio, e seguir uma vida cristã, esse é o caminho mais eficaz para a libertação de um demônio e para garantir que ele não volte, ou seja, viver um vida cristã católica, sob o julgo e mandamentos da Igreja.

A Associação Internacional dos Exorcistas fora formada oficialmente em 1994, mas os encontros entre os exorcistas que a criaram, ocorriam desde o início da década. Embora os padres, obviamente, trabalhassem de acordo com os desígnios da Igreja e seus superiores, o assunto do ritual de exorcismo era particularmente contraditório, ou no mínimo dúbio ou ambíguo, o que gerou.

Lembremos que, a última vez que o ritual de exorcismo fora revisado oficialmente pela Igreja Católica fora ainda no início do século XVII, em 1614, como o próprio Bamonte nos esclarece (2004), o ritual do exorcismo se encontrava no livro oficial de rituais e liturgias católicas, gozando mesmo de um certo destaque, dispondo de muitos sacramentais e orações criadas exclusivamente para o ritual. Contudo, o mundo não permaneceu o mesmo com passar dos séculos, mas o ritual de exorcismo sim.

As mudanças sociais e culturais principalmente do século XVIII em diante, e as mudanças relacionadas ao avanço do racionalismo moderno, mudaram o mundo de tal forma que a Igreja Católica como instituição tradicional fora paulatinamente perdendo espaço e poder na sociedade.

E é justo nesse sentido, de produzir uma resposta a essa realidade dita demôniaca que os exorcistas que se organizam e sob a liderança de Gabrielle Amorth fundam a AIE, e então operam todo um maquinário literário e discursivo que condensam seus esforços públicos, ao publicar uma série de livros baseados na sua experiência e falando sobre o assunto publicamente, dando entrevistas, comentando obras pop que retratavam os exorcismos, como o clássico filme 1973, na intenção de que os exorcismos voltassem não somente a ser comentado entre o público, mas que voltassem a ser tratados com a “seriedade dos séculos passados” (Amorth, 1990), e que voltassem a ser realizados como medida de estancar todas essas transformações que pareciam interpelar os sujeitos a qualquer lado, menos a Igreja.

O mais importante que deve-se pensar nesse momento é que através das fontes, visualizamos esforços, e mesmos resultados destes esforços, em pressionar a Igreja Católica a falar desse assunto que fora oficialmente silenciado no concílio do Vaticano II, contudo, é preciso compreender que esse

esforço transcende qualquer apreço particular por parte dos exorcistas, não se trata de um esforço motivado por questões pessoais desses padres, mas sim uma busca em retomar essa “seriedade dos séculos passados”, essa expressão encontra seu sentido nas palavras de Amorth ao referenciar a uma época da história ocidental, segundo ele, em que não se duvidava de forma alguma da existência do diabo e do seu poder, não se duvidava do poder dos exorcismos nem da sua necessidade, portanto, a necessidade da Igreja era absoluta, se a fé no inimigo era real, a necessidade de Deus e da Igreja para salva-los era primordial, e assim, garante-se a perpetuação da instituição religiosa, e esse é sentido da busca da retomada desse assunto.

Poder-se-ia então dizer que todo esse movimento dos exorcistas pressionando a Igreja a trazer de volta os exorcismos se traduz então em uma intenção que transcende a perpetuação próprio o próprio ritual, mas que pretende, através do resgate aos exorcismos reviver uma ideia de Igreja Católica que tem como missão principal, combater o diabo e seus demônios? De maneira que, não por mero saudosismo, mas por que nessa dimensão do entendimento em que a Igreja é o ministério de Cristo para ajudar os homens contra o diabo, essa Igreja Católica e seus ministérios ocupam um espaço central no sentido da vida das pessoas? tornando-a imprescindível, inigualável e superior a qualquer outra religião? E seus padres, bispos e papas, tidos como autoridades divinas, de maneira quase faraônica? Ao fim deste artigo, teremos respondido essas perguntas.

Amorth (1990) dedicou um capítulo do seu livro intitulado simbolicamente “Uma pastoral a ser reconstruída” a versar não somente sobre a necessidade dos exorcismos nos dias em que se escreve o livro, mas também critica duramente o desleixo atual da Igreja com esse ritual, ao afirmar que “hoje a Igreja Católica renunciou a esta missão, e por isso, as pessoas não se viram mais pra Deus, mas para satanás”.

Não obstante, em um livro intitulado (a qual falaremos mais a posteriori) de 2010, escrito pelo exorcista Amorth em conjunto com o jornalista Paolo Rodari, Amorth explica que o problema da falta de exorcismos não é somente proveniente dos últimos dois ou três séculos, mas na realidade, a ausência dos exorcismos é uma constante que contribui para “as desgraças” que acometeram o povo cristão desde o segundo milênio, e portanto a realidade absolutamente diabólica vivida na passagem para o terceiro milênio é somente o desaguar de todo esse processo.

Não é assim no segundo milênio e nos nossos dias. Satanás parece que já não existe. Mas não é assim. Ele existe. E não acreditar em Satanás é um assunto muito sério que tem consequências terríveis. É um pecado pelo qual, infelizmente, muitos homens da Igreja são responsáveis. Tudo começa no século XII. Um período muito triste para a Igreja. Surgem as grandes heresias. A Europa é devastada por guerras constantes, morte e destruição. De repente, as mulheres com problemas de loucura deixam de ser vistas como loucas. Tornam-se antes bruxas. São elas que deveriam ter sido exorcizadas, mais do que os outros, que são queimados na fogueira. A Europa e o mundo inteiro estão cheios, como em todas as épocas históricas, de mulheres demonizadas. Essas mulheres precisam de ser exorcizadas. Em vez disso, é-lhes recusado esse «remédio» e são consideradas carne para queimar. Em 1252,

Inocêncio IV autorizou a tortura dos hereges. Em 1326, João XXII autorizou pela primeira vez a Inquisição contra as bruxas. A loucura reina em toda a Europa. Chega também à peste negra, de 1340 a 1450. Morrem gerações inteiras. A Igreja divide-se. O mundo divide-se. Os irmãos guerreiam-se uns aos outros. É um período de grande destruição. São todas estas desgraças juntas que levam a Igreja a demonizar tudo. Só que esta demonização não leva, como seria certo, a fazer mais exorcismos. Leva à destruição de vidas inocentes. Com o tempo, os exorcismos foram diminuindo cada vez mais até ao período mais negro, os séculos XVI e XVII. É nesse período que os exorcismos desaparecem essencialmente. Claro que há exceções. (Amorth, 2010, p. 138, tradução nossa).

É raro ver um padre falando desse período da história da Igreja de modo a reconhecer que a Igreja “demonizou tudo” como uma reação a crises internas e externas vividas na época, mas notemos que essa crítica não se direciona para as ações de denunciar o demônio sob os diversos aspectos da vida, se direciona ao fato de a Igreja não ter “feito mais exorcismos”, como forma de remediar todos esses males, se direciona a Igreja não ter enrijecido as práticas desse ritual, e portanto, terem perdido o controle de toda a situação que “hoje” se encontra nas mãos do diabo.

Para esses exorcistas o afrouxamento desse sistema de controle que através do ritual busca reintegrar os sujeitos na vida religiosa, fora o principal agravante dessas crises institucionais, e responsáveis pelo descalabro da Igreja nos séculos seguintes.

Depois, subitamente, no século XVIII, tudo cessa. As bruxas deixam de ser perseguidas. Foram abandonados os exorcismos durante várias décadas, já ninguém os faz. O mundo está basicamente desprovido de exorcistas. O demônio já não existe para ninguém. É um fantoche, um boneco. É assim que, muitas vezes, ainda hoje o consideram. Com consequências terríveis para toda a gente. A partir do século XVIII, é negada qualquer existência do demônio. De quem é a culpa? Sem dúvida, da cultura laica, do ateísmo pregado às massas, do racionalismo do mundo científico e cultural. A consequência é a perda da fé que ainda hoje vivemos e, ao mesmo tempo, o crescimento de todas as formas de superstição e a expansão de todos os tipos de ocultismo. A Igreja Católica é vítima desta influência maciça. Tanto assim é que, nela, os exorcistas quase desapareceram durante três séculos. Claro que sempre houve alguns exorcistas. Mas, de um modo geral, o número diminuiu drasticamente para perto de zero. Sem exorcistas, quem é que tem levado a melhor? Satanás e a sua fúria assassina. (Amorth, 2010, p.139, tradução nossa).

Ao submeter esses dois livros de Amorth a análise cuidadosa, um escrito em 1990, e o outro escrito em 2010, é fácil identificar duas posturas diferentes ao falar do mesmo problema, no primeiro livro “um esorcista racconta” de 1990, ao falar do problema pastoral católico do ministério exorcístico, o padre é demasiado cauteloso mas incisivo em apontar as falhas e a responsabilidade da Igreja nesse problema, apontando caminhos que a Igreja deveria tomar, como não somente formar mais exorcistas, “mas principalmente renovar no corpo da Igreja e nos fiéis a sensibilidade para esse problema, como nos ensina a sagrada escritura” (1990, p. 188).

De maneira um tanto diferente é escrito o livro “El último exorcista: Mi batalla contra Satanás” publicado em 2010 pelo exorcista, neste livro, Amorth é bem mais ácido e pontual ao criticar a Igreja, apontando seus “erros” e julgando-os como os responsáveis pelo estado de decadência moral

vivida, uma época “onde o ateísmo e os demônios parecem ter triunfado”, Ele denuncia e lembra, com base em sua experiência, que até mesmo as figuras mais proeminentes dentro da própria Igreja Católica estão sujeitas ao erro e, principalmente, à ação do demônio.

Para entender toda essa querela entre esses exorcistas e a Igreja Católica no fim do segundo milênio e essa mudança de postura do autor exorcista ao falar sobre isso, para tal análise, parte-se de um documento trago no apêndice do livro “un esorcista racconta”. Trata-se de uma carta que a Congregação Para a Doutrina da Fé<sup>6</sup> enviou aos bispos em setembro de 1985, período que antecede brevemente a formação da AIE, na intenção de lembra-los das disposições vigentes sobre os exorcismos, e que possibilita visualizar claramente o posicionamento oficial da Igreja em relação ao assunto, e as crítica de Amorth as limitações impostas a esse ritual, que segundo ele, se mostrara tão eficiente em ter um efeito de “re Cristianizar” aqueles que necessitam.

Há alguns anos, certos grupos eclesiais multiplicam reuniões para orar no intuito de obter a libertação do influxo dos demônios, embora não se trate de exorcismo propriamente dito. Tais reuniões são efetuadas sob a direção de leigos, mesmo quando está presente um sacerdote, Visto que a Congregação para a Doutrina da Fé foi interrogada a respeito do que pensar diante de tais fatos, este Dicastério julga necessário transmitir a todos os Ordinários a seguinte resposta.

1. O cânon 1172 do Código de Direito Canônico declara que a ninguém é lícito proferir exorcismo sobre pessoas possesas, a não ser que o Ordinário do lugar tenha concedido peculiar e explícita licença para tanto.
2. Destas prescrições, segue-se que não é lícito aos fiéis cristãos utilizar a fórmula de exorcismo contra Satanás e os anjos apóstatas, contida no Rito que foi publicado por ordem do Sumo Pontífice Leão XIII; muito menos lhes é lícito aplicar o texto inteiro deste exorcismo. Os srs. Bispos tratem de admoestar os fiéis a propósito, desde que haja necessidade.
3. Por fim, pelas mesmas razões, os srs. Bispos são solicitados a que vigiem para que - mesmo nos casos que pareçam revelar algum influxo do diabo, com exclusão da autêntica possessão diabólica - pessoas não devidamente autorizadas não orientem reuniões nas quais se façam orações para obter a expulsão do demônio, orações que diretamente interpelem os demônios ou manifestem o anseio de conhecer a identidade dos mesmos. (Amorth, 2010, p. 189, tradução nossa).

Notemos que esta congregação reconhece e admoesta sobre a proibição da prática de exorcismo feitas sem a devida ordenação da Igreja, mesmo que feitas sob a presença de um padre, e sugere um estado de vigilância para que mesmo em casos de suspeita de influxo demoníaco, não recorram as fórmulas exorcísticas sem a devida autorização.

É possível notar ainda em 1985 uma opinião oficial Católica pouco flexível em relação as atuações desses padres exorcistas, e uma busca por limitar as realizações desse ritual as ordenanças oficiais da Igreja, ainda com uma nota maior de censura, proibindo a utilização pública de uma oração elaborada e publicada pelo Papa Leão XIII.

---

<sup>6</sup> A Congregação para a Doutrina da Fé é um órgão da Cúria Romana responsável por promover e defender a doutrina da fé e dos costumes na Igreja Católica. Fundada em 1542 como Suprema Sagrada Congregação da Inquisição Romana e Universal, passou a ter o nome atual em 1965, durante o pontificado de Paulo VI.

É o próprio Amorth que transcreve um artigo publicado na revista *Ephemerides Liturgicae* escrito pelo Pe. Domenico Pechenino em 1955 (pp. 58-59), que explica como surge esta oração, segundo o artigo, o pontífice estava a celebrar a segunda missa do dia, quando fora tomado por uma expressão de horror e admiração, ali ficara imóvel durante alguns instantes até que retoma a si, e energeticamente dirige-se a seu escritório e, mudo, escreve por alguns minutos em um papel, quando termina, chama o secretário da congregação dos ritos, mando-o imprimir e enviar imediatamente a todos os ordinários do mundo, supostamente, o Papa Leão XIII havia tido uma visão de uma legião de demônios que se adensavam sobre a cidade de Roma, transcreverei a oração abaixo.

São Miguel Arcanjo, protegei-nos no combate, sede nosso auxilio contra a malicia e ciladas do demônio. Exerça Deus sobre ele império, como instantemente vos pedimos, e vós, príncipe da milícia celeste, pelo divino poder, precipitai no inferno satanás e os outros espíritos malignos que vagueiam pelo mundo para perder as almas. (Amorth, 1990, p. 43. Tradução nossa).

Essa oração, alvo de demasiadas controvérsias e que fora ordenada a ser rezada de joelhos ao fim das missas pelo pontífice Leão XIII, e claramente, esta é uma disposição que lembrava liturgicamente, padres e fiéis da atividade constante e condenatória do diabo no mundo, logo, implicitamente renovava-se a necessidade da existência da Igreja.

O Concílio Vaticano II, na década de 1960, não apenas revogou a necessidade da oração que pedia a ajuda de Deus para combater Satanás, presente no mundo, como também se omitiu de revisar o texto do exorcismo e de fornecer qualquer diretriz sobre o ministério que não segue o mesmo caráter censurador e restritivo encontrado no documento da Congregação para a Doutrina da Fé. Este documento, indo além das disposições do Vaticano II, que tornava a oração de Leão opcional, proibiu definitivamente seu uso por leigos.

Dessa forma, vemos que até meados de 1980 não parecia haver, por parte da Igreja institucionalmente falando, interesse em reavivar a prática desse ritual. Para Amorth e Bamonte, esse é, não somente, um erro estratégico da Igreja, pois segundo eles, quando as pessoas (“inevitavelmente”) precisassem desse tipo de ajuda, os exorcismos, facilmente se dirigiriam a magos, cartomantes e espíritas, afastando ainda mais as pessoas da concentração católica, como também um grave pecado de omissão do serviço divino “um pecado mortal” (2010, p. 149).

A associação Internacional dos Exorcistas, é um grupo de fora da cúria romana desde o momento da sua fundação, atuando de maneira individual a respeito desse assunto que a Igreja já não mais dirigia e que declarara desnecessária a nomeação de novos exorcistas, e relegando esse ministério ao esquecimento.

Essa postura da Igreja, de silenciar e restringir o ritual, pode ser explicada como uma tentativa de alinhar os princípios da religião aos consensos científicos. À medida que a

realidade se afastava dos preceitos e ritos da Igreja, que remetiam diretamente ao sobrenatural, esses rituais passaram a ser vistos como medievais e ineficazes diante das novas abordagens terapêuticas. Como resultado, perderam espaço e relevância social.

A secularização é entendida, por autores como Weber (2004), não como o desaparecimento da religião, mas como um processo histórico de racionalização crescente, no qual as formas científicas e técnicas de compreender o mundo tendem a ocupar os espaços antes explicados por referenciais religiosos ou mágicos. Esse processo, que Weber denomina “desencantamento do mundo”, não implica necessariamente a extinção da crença em forças misteriosas, mas uma transformação nas formas de experienciar e legitimar o sobrenatural. Prova disso é a persistência e até mesmo a proliferação de práticas como os diferentes mesmerismos, que se expandem ao longo do século XX, indicando que o anseio pelo mistério e pelo transcendente continua ativo mesmo em contextos marcados pela modernidade científica. Diante disso, é pertinente questionar se a Igreja Católica, como instituição religiosa, teria atravessado esse mesmo período sem ser tensionada ou transformada por esse novo cenário, especialmente no que diz respeito à sua forma de lidar com o sobrenatural e com sua própria autoridade espiritual. Laycook (2022) explica.

Ao trazer uma pesquisa do instituto americano Pew Research Center<sup>7</sup>, Laycook mostra que no início da década de 2000, nos Estados Unidos, dois terços da população estadunidense acreditavam que demônios e anjos existem e agem de forma ativa no mundo. Paradoxalmente, em um gráfico apresentado pelo instituto GALLUP<sup>8</sup>, que mostra através dos anos (1957 – 2008), a crença da população norte americana no aumento ou declínio da influência da religião na vida das pessoas.

Não temos a intenção tomar esse gráfico como fonte, mas como referencial para dizer que, a crença em anjos, demônios, possessões ou magia não acompanham necessariamente a crença na influência da Igreja, dizer que a crença de grande parte de um povo nesses conceitos é real, não significa dizer que a Igreja esteja exercendo uma grande influência sobre os sujeitos, pelo menos não mais.

Isso tudo, é de suma importância que se compreenda, pois na década de 70, quando o romance de Peter Blatty estreou nas livrarias, e depois nos cinemas como um boom estrondoso de sucesso, ou seja, revelando um grande interesse do público no tema, fora a década que registrou o maior índice de respostas afirmando a perda de influência da religião e da Igreja na vida das pessoas.

É certo que, de acordo com o gráfico, essas percepções têm sido bastante volúveis e subjetivas, influenciadas por eventos históricos. No entanto, todo esse contexto contribui para

---

<sup>7</sup> O Pew Research Center é um centro de estudos apartidário que informa o público sobre questões, atitudes e tendências que moldam o mundo. Conduzimos pesquisas de opinião pública, estudos demográficos, análises de conteúdo e outras pesquisas em ciências sociais baseadas em dados. Não adotamos posições políticas.

<sup>8</sup> A Gallup é uma empresa global de análise e consultoria, especializada em pesquisas de opinião pública e estudos sobre comportamento humano e desempenho organizacional. Fundada em 1935, é conhecida por sua metodologia rigorosa e por realizar a *Gallup World Poll*, que representa mais de 98% da população mundial.

vislumbrar a crise institucional pela qual a Igreja passou no século XX e sua busca urgente por se moldar de forma a retomar a influência no "mundo moderno". Nesse sentido, as ações tomadas pela Igreja, como a revisão de suas posturas, incluíam restrições que dificultavam e até desacreditavam o uso do ritual de exorcismo e de outros ritos, considerados medievais ou ultrapassados.

Em um prefácio escrito por Gaetano Bonicelli<sup>9</sup> a edição em português do livro “Possessões Diabólicas e Exorcismos como reconhecer o astuto pai da mentira” (2007), reconhece essa realidade citada imediatamente como sendo pujante, alarmante, e um desdobramento direto dessa mudança de postura da Igreja católica no início da segunda metade do século XX.

A primeira conclusão da leitura destas páginas é que se toma urgente voltar a tomar nas mãos o tratado bíblico-teológico sobre o demônio. Ter abrandado ou esquecido todo este capítulo da doutrina católica foi uma atitude que levou a "libertar-nos" destes condicionamentos considerados superados e relegados a uma concepção mágica e maniquéia da vida, na atualidade não mais sustentável, como costumam dizer. Qual o resultado? Chegamos ao paradoxo de gente que não crê - ou que afirma não crer - em Deus, mas corre atrás das referências astrais ou de ilusões inúteis e igualmente busca combater as influências malignas. O percentual das pessoas que "dependem" da irracionalidade é crescente e poder-se-ia dizer enregelador. A Providência não, o horóscopo sim; a Igreja não, a bruxa sim. (Bonicelli, In Bamonte, 2007, p.10, tradução nossa).

Se no livro publicado em 1990, Amorth traz essa a citada carta da Congregação da Fé para os bispos, apontando (quase de maneira cordial) as falhas da postura da Igreja em ostentar uma tabuleta com os dizeres “estamos em obra”, segundo o próprio exorcista, no livro publicado em 2010, o exorcista se mostra ainda mais contrariado pelas ações tomadas pela Igreja, e destina dois capítulos específicos a tratar dessas discordâncias, trazendo através de sua experiência, um formato de denúncia, evidenciando não somente que a “incredulidade moderna” adentrara o corpo ministerial da própria Igreja Católica, mas também expondo que as mudanças ordenadas pelo ministério da Santa Sé em 1998, tornara em grande medida o ritual obsoleto. Questionar as nuances e motivos que levam Amorth a fazer tais denúncias, servem como base para a compreensão para entendermos o ponto chave deste tópico, a natureza do ritual do exorcismo segundo esse projeto recristianizador desses exorcistas.

São ambas denúncias muito graves, que são dispostas no capítulo 7 e 8 do livro de 2010, sendo esse último intitulado “Satanás no Vaticano”. No capítulo 7 Amorth conta uma história do dia em que foi ter um cardeal (anônimo) e informa-lo oficialmente sobre as iniciativas das reuniões de seu grupo de exorcistas, ao que o cardeal reage de maneira a duvidar da existência do diabo, segue o diálogo.

---

<sup>9</sup> Gaetano Bonicelli é um arcebispo italiano, ordenado sacerdote em 1948. Atuou como missionário na Bélgica e ocupou cargos de destaque na Igreja, como diretor do Departamento Italiano de Emigração e Turismo e secretário adjunto da Conferência Episcopal Italiana. Foi nomeado Arcebispo do Ordinariato Militar Italiano em 1981 e, posteriormente, Arcebispo de Siena-Colle di Val d'Elsa-Montalcino, cargo que exerceu até sua aposentadoria em 2001.

«Mas, de qualquer modo, esta história do diabo...» «Desculpe?» «Estou a dizer... É um exorcista, mas ambos sabemos que Satanás não existe, certo?» «O que quer dizer com “sabemos que não existe”». «Padre Amorth, por favor. Sabe melhor do que eu que é tudo superstição. Não quer que eu acredite que acredita mesmo nisso?» «Vossa Eminência, estou espantado por ouvir estas palavras de uma personalidade tão importante como vós.» «Surpreende-o? Mas porquê? Não me diga que acredita mesmo nisso!» «Eu acredito que Satanás existe.» «A sério? Não acredito. E espero que ninguém acredite nisso. Difundir «certos medos não é uma coisa boa...» «Bem, Eminência, não tem de mo dizer. De facto, se me permite, gostaria de lhe sugerir algo». «Sim, diga-me». «Devia ler um livro que talvez o possa ajudar.» «Aí sim? Que livro, Padre Amorth?» «Devia ler o Evangelho.» Um silêncio gelado instala-se na sala. (Amorth, 2010, p. 131 e 132, tradução nossa).

Após esse momento, Amorth segue contando a história onde pedagogicamente explica ao cardeal, referenciando os evangelhos de cristo, o catecismo da Igreja Católica, e mesmo o exorcismo do papa Leão XVIII, ensinando-o com calma e embasamento, que a incredulidade no diabo não era condizente com a fé católica, e que cristo deu-vos armas pra combater esse mal, o exorcismo.

Sua Eminência já não sabe o que dizer. Não fala e não reage. Levanto me, despeço-me e vou-me embora. E penso: a que ponto chegámos? E sim, até antes da Idade Média, havia exorcistas por todo o lado. Depois, infelizmente, algo mudou. (Amorth, 2010, p. 133, tradução nossa).

A história apontada por Amorth foi incluída quase em sua integralidade, não de maneira leviana, tampouco interessa se é real, se de fato aconteceu, pois o sentido pedagógico dessa história não se destina ao cardeal, mas ao leitor, é com o leitor que o autor dialoga, é ao leitor que ele dedica aqueles ensinamentos, no momento em que “dialoga” com o cardeal, porque aliás, o único dialogo possível através da linguagem, é essencialmente extralinguístico.

Percebamos o tom pedagógico e articulado do conhecimento em que o autor explica, e em sua história convence o cardeal de sua perspectiva, ou pelo menos, deixa-o sem argumento, todo esse esforço de convencimento, é destinado ao leitor, que nesse momento, implicitamente, ver-se interpelado a assumir a mesma postura do cardeal, ser convencido por sua argumentação.

Mikhail Bakhtin (2002) ao escrever sobre um tipo de abordagem única da narrativa apresentado por Fyodor Dostoiévski, apresenta uma perspectiva de como, através da linguagem e de forma a transcender esta, se estabelece um diálogo entre perspectivas, entre mundos, entre consciências.

Bakhtin (2002) lembra ser impossível, haver qualquer tipo de diálogo, ou de qualquer unidade sintática entre orações linguísticas isoladas, entre unidades da linguagem, o diálogo exige alguém que participe dessa interação (o leitor), exige a interação desses mundos (autor/leitor). Contudo vale também lembrar dois pontos importantes: 1) essa relação não pode ser pensada de maneira unilateral, não é somente o autor que age, não é o autor que controla arbitrariamente esse diálogo entre o que está

sendo dito e o que é aprendido, ademais, o leitor é interpelado a também agir, através da concordância, discordância, reflexões, aprendizados... e 2) Embora o autor não concentre o poder sobre essa relação dialógica, ele pode sim utilizar-se de algumas estratégias, modelando sua posição, o tom... a fim de que seus enunciados atendam os seus objetivos.

Percebamos então o diálogo que se estabelece através da linguagem como um espaço de disputa do discurso, e de transformação dos sujeitos, onde o sujeito leitor é interpelado através da leitura, a dialogar com aqueles enunciados e com os discursos em que estes se articulam, de forma que, através da concordância ou discordância estes mundos se encontrem.

O falante e compreendedor jamais permanecem cada um em seu próprio mundo; ao contrário, encontram-se num novo, num terceiro mundo, no mundo dos contatos; dirigem-se um ao outro, entram em ativas relações dialógicas. (Bakhtin, 2010, p. 113).

É expressamente nesse sentido pedagógico e persuasivo, escrito em uma linguagem acessível e destinado ao público geral, em que os livros desses exorcistas são formatados, traduzidos e vendidos. Quase todos esses livros, seja em prefácios ou rodapés, fazem questão de expressar a finalidade desse livro, que é em alguma medida, empreender uma mudança na forma do leitor de pensar sobre a realidade espiritual, levando-o a transformar assim em última instância, as suas ações.

Francesco Bamonte, em seu livro "A Virgem Maria e o Diabo nos Exorcismos" (2010), não se propõe a ser um estudo teológico sobre a figura mariana, mas sim uma coletânea de histórias vividas que revelam o poder de Maria como símbolo católico dentro dos exorcismos. As narrativas mostram como essa figura desempenha um papel fundamental na libertação do demônio, que se traduz nas histórias em males como problemas financeiros, conjugais e familiares. Este aspecto do livro será melhor abordado nas páginas seguintes.

Por ora, ao explicitar o propósito deste livro (e dos outros), nos valer das palavras dos próprios exorcistas, como explicitado no prefácio a edição em português deste livro, escrito por Renzo Lavatori:

o livro suscita um impulso contínuo à conversão e à santidade. Isto acontece devido ao amor intenso e filial a Maria, solicitando uma plena confiança nela, de onde brota uma serenidade interior do coração. Por outro lado, assiste-se a um apelo contínuo à vigilância e à oração, para enfrentar e superar os ataques do maligno. (Lavatori, In Bamonte, 2010, p. 12 e 13).

O próprio Bamonte fala abertamente sobre as suas intenções com esse livro logo em seguida.

Com este livro, pretendo também unir-me ao cortejo das almas de todos os tempos apaixonadas pela Virgem Maria e instar a todos que recorram com grande confiança à sua intercessão materna, em particular mediante o conhecimento e a experiência de consagração e de entrega ao seu Coração Imaculado, a fim de cooperarem o mais

eficazmente possível com ela na luta contra Satanás e os anjos rebeldes, pelo triunfo do Reino de Deus. Além disso, desejo contribuir para promover nos crentes uma cada vez mais viva devoção mariana, animada pela consciência do vínculo incindível entre Cristo e a sua Mãe Santíssima na obra da Redenção. (Bamonte, 2010, p.15 tradução nossa).

O ato de apresentar o símbolo católico mariano como uma espécie de poder a quem os fiéis deveriam recorrer ao defrontar-se com adversidades, afim de promover uma “devoção mariana” através da narrativa de experiências onde seu poder se mostra efetivo na luta contra o diabo pode ser entendido e melhor explicado se retornarmos a um livro anterior do próprio Bamonte.

No já citado, “*Possessioni diaboliche ed esorcismo. Come riconoscere l'astuto ingannatore*” (2004), ao expressar sobre os motivos de escrever esse livro, revela que grande parte de suas ações como exorcista em seu ministério, configurava em ajudar pessoas que de alguma forma foram vítimas das várias formas do ocultismo moderno. Bamonte conta de muitas pessoas sozinhas e desamparadas que ao depararem-se com grandes problemas buscam ajuda nessas “falsas ilusões e charlatanismos”, e isso as levaria muitas vezes a terem um problema espiritual agravado, ao passo que a crença nessas verdades “astrais” (diga-se o próprio espiritismo) afastaria essas pessoas da verdade cristã “as crenças e as práticas mágico-supersticiosas, ao contrário, são um caminho que permite a tais forças escravizar-nos sempre mais” (Bamonte, 2004).

Para prevenir a praga social do recurso aos magos, a partir de 1999 organizei alguns ciclos de catequese, primeiramente naquela que então era a minha paróquia 18 e, a seguir, a pedido de vários párocos, também em outras localidades da Itália. Devido ao forte interesse despertado por aquela iniciativa, fui solicitado, de várias partes, a escrever algo a respeito desta experiência em favor daqueles que haviam caído nas malhas do ocultismo. (Bamonte, 2004, p. 18 e 19. Tradução nossa)

A preocupação do exorcista pode ser traduzida em uma preocupação com os sujeitos manterem relação com outros grupos religiosos que não as católico-cristãs, se envolverem com religiões espiritistas por exemplo ou pensarem o mundo de forma a não mais ter a imagem da Igreja como Dantas explica ser na era medieval “A Igreja medieval mostrava-se como um grande reservatório de poder mágico, capaz de ser empregado para uma série de finalidades seculares” (Dantas, 2015).

### **3 A COERÇÃO COMPORTAMENTAL COMO PRODUTO DA EQUAÇÃO EXORCISTICA.**

Considerando o exposto, as intencionalidades de Bamonte em 2010 ao escrever esse livro expressa na frase “e instar a todos que recorram com grande confiança à sua intercessão materna”, revela a busca urgente de restaurar a fé em uma Igreja medieval como foi explicada por Dantas

(2015), onde não havia espaço para a incredulidade, revela a busca por cravar no imaginário religioso católico o símbolo mariano como um recurso de poder, quase como uma palavra mágica, a ser usada para resistir a satanás e seus demônios, um símbolo cristão a quem podem recorrer para que se libertem do mal. Ou seja, buscando manter esses sujeitos afastados de magos, cartomantes ou espíritas, leia-se, outras religiosidades.

Esse jogo de simbolismos tem seu poder demonstrado através de inúmeras histórias que compõem a maior parte do livro, onde o símbolo mariano demonstra seu poder e sua força ante aos demônios que “mostram sua total impotência a ela”. Contudo se isso não fora suficiente para convencer o leitor do sentido pedagógico que as obras desses exorcistas carregam e da vontade de mudança que eles interpelam os seus leitores, passa-se então ao último ponto deste trabalho, onde ficará terrivelmente claro, o sentido crítico dessa leitura histórica que até aqui foi tecida.

Para tal, será mobilizado agora um conceito de Michel Foucault que contribui para elucidar a relação intrincada entre determinadas ideias, a vontade de transformação e o exercício do poder. Trata-se de compreender como, através das práticas discursivas, determinadas formas de saber produzem efeitos reais sobre os sujeitos, influenciando comportamentos, instituindo normas e reorganizando modos de vida. No caso dos rituais de exorcismo, é possível analisá-los como tecnologias religiosas que operam não apenas como práticas simbólicas, mas como instrumentos de recristianização ou seja, de reintegração do sujeito a um regime específico de verdade católico-cristão.

Foucault (2008) propõe que os saberes não devem ser compreendidos como reflexos da realidade, mas como construções históricas que emergem em meio a relações de poder e que disputam, por meio de formas específicas de sistematização, o que pode ser reconhecido como verdadeiro.

Nessa perspectiva, os discursos não apenas representam o mundo, mas produzem objetos, sujeitos, domínios de saber e formas de normatividade. É nesse contexto que os livros escritos por exorcistas revelam sua potência: eles participam da constituição de uma formação discursiva na qual a possessão demoníaca, o mal espiritual e a libertação por meio do ritual são construídas como objetos legítimos de intervenção.

Antes de avançar, é oportuno distinguir discurso de enunciado. Para Foucault, o discurso não se resume à fala ou ao texto, mas diz respeito a um conjunto regular de enunciados que, em determinado momento histórico, delimitam aquilo que pode ser dito, pensado, conhecido e praticado em torno de um objeto. Trata-se de uma lógica interna que determina não apenas o conteúdo do que se afirma, mas também as condições de possibilidade para que determinadas afirmações façam sentido e se apresentem como verdadeiras.

Essa dimensão produtiva do discurso permite compreender, por exemplo, como a possessão demoníaca pode ser tratada de maneiras distintas em diferentes formações discursivas. Enquanto o discurso médico-cientificista a entende como expressão de patologias mentais, o discurso católico a constitui como fenômeno espiritual. Cada um desses discursos se ancora em saberes distintos,

estabelece objetos próprios, delimita procedimentos de intervenção e mobiliza formas específicas de autoridade e legitimidade. Ao fazer isso, produzem realidades diferentes, construindo sentidos de verdade conflitantes e mutuamente excludentes.

Assim, os discursos não se reduzem ao plano da linguagem, mas devem ser entendidos como práticas sociais que articulam saber e poder, e que, por meio da repetição, da codificação institucional e da circulação em meios específicos (como os livros de exorcismo), contribuem para a regulação dos comportamentos e a conformação dos sujeitos. As chamadas práticas discursivas são, portanto, ações enraizadas em determinados regimes de saber, e produzem efeitos concretos: regulam condutas, instauram hierarquias, autorizam intervenções e reconfiguram os modos de viver e crer.

E claro, optou-se por apresentar esse balanço teórico logo antes de problematizar os enunciados que tratam da legitimação e da apologia das práticas discursivas que esse discurso impõe, e das diretrizes comportamentais que ele impera.

Voltando, finalmente, aos livros dos exorcistas, é possível visualizar um ponto de convergência entre Amorth e Bamonte, ao criticarem as alterações ao rito exorcístico introduzidas pela revisão feita sobre o texto do ritual publicada em 1998 pelo ministério da Santa Sé, fica claro o sentido que o ritual deveria ter para esses padres, e as práticas discursivas que estes apologizam.

Ademais, é nesse momento, dentro do discurso projetado nos livros que parece haver uma silenciosa fusão entre os demônios na forma da possessão e os comportamentos pecaminosos, de tal modo que o ritual de exorcismo é sugerido como maneira de remediar a situação de um sujeito que está em “situação endurecida de pecado”, de maneira a reinseri-lo de volta na “vida religiosa” católica.

Amorth (1990) diz que mesmo antes dessa revisão feita pelo ministério da Santa Sé, o ritual de exorcismo já considerava (erroneamente segundo ele) somente os casos mais graves de possessão demoníaca, e ignorava outras realidades que segundo ele mereciam igual atenção do ministério exorcístico.

A diferença entre indivíduos possessos e vexados não é muito clara. Acontece o mesmo entre a vexação e outros male, como os males físicos susceptíveis de ser provocados pelo maligno: os males morais (estados de pecado habitual, sobretudo nos casos mais graves) em que certamente o maligno fez sua parte. Por exemplo apercebi-me que umas vezes é útil fazer um breve exorcismo, em casos sob os quais houvesse suspeitas quanto a origem do seu mal. O uso dos exorcismos breves ajudados pelo sacramento da confissão para pessoas endurecidas em certos pecados como por exemplos os homossexuais, também tem se verificado eficaz. (Amorth, 1990, p. 185. Tradução nossa).

Lastreando então essa ferramenta desenvolvida nesses livros, é reforçada a estreita relação entre um estilo de vida seguindo a liturgia católica e a liberação de um mal que está atormentando o sujeito, ou ainda sobre a relação entre a causa de um male físico ou “espiritual” causado por uma recorrência em comportamentos desviantes da doutrina católica ou se preferir, por “viver em pecado”.

Pode-se observar, ao falar sobre o caso de pessoas que ao procurarem a ajuda de uma exorcista sempre recuam ante a necessidade de aderir ao código comportamental da Igreja diz:

O obstáculo maior residia na passagem de uma prática de ateísmo confortável a uma fé vívida, ou duma vida de pecado para uma vida de graça. Não vou esconder que a cura deste mal requer um compromisso pessoal e uma vida cristã intensa. Creio que é precisamente este um dos motivos por que Deus o permite. (Amorth, 1990, p. 121. Tradução nossa).

36

Ou seja, se o mal no indivíduo, a possessão demoníaca, está absolutamente imbricada ao comportamento pecaminoso (leia-se comportamento desviante da regra católica), o ritual, ao exorcizar o mal de dentro do indivíduo deveria exorcizar também a práticas desses tais comportamentos, substituindo-os por outros, sendo estes, hábitos e costumes católicos, isso claro, deveria ser feito através de um ritual (ou vários) que deixe transparecer a violência dessa mudança, sendo representado na libertação do demônio, e de modo voluntário por parte do possesso, onde este, para ver-se livre daquele mal, há de se sujeitar a essa transformação comportamental, até porque, as ações dos sujeitos é o único meio de entrada do diabo na vida dos sujeitos, isto é, quando essas ações não alinham com o que projeta a Igreja. “Se vivermos em comunhão com Deus, o demônio e o inferno inteiro é que tremem diante de nós. A não ser que lhe abramos a porta” (Amorth, 1990, p. 142. Tradução nossa).

Bamonte, no já citado livro “*Possessioni diaboliche ed esorcismo: come riconoscerne l'astuto ingannatore*” (2004) ao responder a pergunta “por que Deus permite a ação dos demônios” como a possessão demoníaca, versa uma resposta que, com as perguntas que cravamos até aqui, que revela sobre o sentido pragmático de mudança na vida dos sujeitos que este ritual deve operar.

Na sua infinita sabedoria e bondade, Deus permite que, em parte, eles deem escapatória às suas maldosas maquinações, "para que o homem se exercite no bem por meio da luta contra o que é contrário ao bem" (Santo Tomás de Aquino) e possa ter a oportunidade de purificar-se e de elevar-se espiritualmente. A nossa reação, contra a ação do demônio, torna-se assim um meio de progresso espiritual. (Bamonte, 2004, p. 34, Tradução nossa).

Poderíamos de imediato, já aferir que esse ritual, segundo esses exorcistas é um mecanismo de reintegração/reafirmção ou mesmo de uma manutenção de caráter evolutiva da fé cristã e da vida religiosa católica, haja vista que em outro momento, Bamonte, ao descrever os motivos pelos quais um demônio pode estar agindo sobre a vida de um sujeito, consiste principalmente como resultado da ações deste, ações estas que vão desde a se aproximar de qualquer tipo de práticas de “ocultismo” até a ouvir determinadas tipos de música (leia-se, o rock n roll). Contudo, sejamos cautelosos antes de fazer tal afirmação, é necessário consultar outras fontes antes de concluir.

Francesco Bamonte, em 2018 enquanto presidente da AIE, na “*Convenção da Associação Internacional dos Exorcistas Roma 24-29 settembre 2018*” redige um documento chamada de

“Critérios De Discernimento Oferecidos Aos Pastores De Almas Para Compreender Se Uma Pessoa Deve Ser Submetida À Avaliação De Um Sacerdote Exorcista”<sup>10</sup> que atualmente está disponível a livre acesso no site oficial da AIE<sup>28</sup> traduzido para muitas línguas.

Este documento é importante para revelar alguns pontos que demonstram uma organização já complexa de protocolos diocesanos que buscavam estabelecer uma forma rápida e eficiente de diagnosticar entre aqueles que buscam o exorcismo, “aqueles que realmente precisam da ajuda divina” e endereça-los rapidamente aos cuidados de um exorcista competente.

Quem trabalha nestas unidades tem a grande responsabilidade de individualizar quais especialistas fazer intervir e a quais seções enviar os pacientes em tais situações. Atrasos ou erros em alguns casos podem ser fatais e obviamente quem trabalha nestas unidades deve ter conhecimentos adequados sobre tantas coisas. [...] A Associação Internacional dos Exorcistas, com a aprovação da Congregação para o Clero está oferecendo aos sacerdotes exorcistas tal específica preparação promovendo a sua primeira formação de base e a sucessiva formação permanente e favorecendo os encontros entre eles, como estamos fazendo nesta Convenção, para compartilhar as nossas experiências e refletir juntos sobre o ministério que nos foi conferido. (Bamonte, 2018, p. 2 e 3).

Uma realidade muito diferente da falta de planejamento, organização e atenção que tornava o ministério exorcístico de difícil acesso, pois muitos nem sabiam da existência dos exorcistas e os que sabiam buscavam, dificilmente encontraria qualquer atendimento, como narra Amorth em 1990.

A criação desse aparato organizacional que promove formação de exorcistas e treinamentos sobre o assunto para sacerdotes, e atua fazendo a priori uma triagem daqueles que realmente precisam de um exorcista, depois realizando os rituais necessários, e ainda garante um acompanhamento no processo após o ritual, garantindo que o sujeito iria manter uma vida “espiritual” (católica) ativa, para que o demônio não retornasse. “O acompanhamento espiritual das vítimas de uma ação extraordinária do maligno é, de per si, competência do Sacerdote Exorcista, em tudo aquilo que diz respeito ao caminho de libertação” (Bamonte, 2018, p. 21).

Em todo momento, no documento redigido por Bamonte fica claro a importância, o papel fulcral que o exorcismo desempenha, que pode-se entender que não é somente a retirada de um demônio, mas também a mudança de comportamento do sujeito, a que em último plano, se destina o ritual.

Ao falar e suscitar os benefícios da colaboração entre o exorcista e um confessor para a libertação de um sujeito, Bamonte (2018) diz:

Por sua vez, o confessor não se limitará a absolver dos pecados, mas usará toda a sua arte para ajudar o penitente atribulado pelo maligno a obedecer às

<sup>10</sup> Disponível em: [https://aielinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2023/06/06\\_Criterios\\_de\\_discernimento\\_oferecidos\\_aos\\_Pastores\\_de\\_almas1.pdf](https://aielinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2023/06/06_Criterios_de_discernimento_oferecidos_aos_Pastores_de_almas1.pdf)

diretivas do Exorcista e, sobretudo, a crescer nas disposições interiores necessárias à sua libertação, que são a fé em Deus, a confiança nas promessas de Cristo, o desejo sincero e firme da libertação do maligno, a disponibilidade de fazer sempre e só a Vontade de Deus nas circunstâncias ordinárias e extraordinárias da vida. (Bamonte, 2018, p. 22).

O Exorcista Estadunidense Vincent Lampert, no seu livro “Exorcism: The Battle Against satan and his demons” (2020), traz quase que um tratado geral sobre as questões que cercam a possessão demoníaca e os exorcismos, traz uma perspectiva absolutamente próxima e semelhante da que fora apresentada por Amorth em 1990, em todos os sentidos, mostrando um aumento significativo do número de exorcistas da época em que foi nomeado em 2005, onde havia segundo ele uma dúzia de exorcistas, e no que se escreve e publica o livro (2020), a arquidiocese de Indianópolis conta com 125 exorcistas.

Lampert fala do protocolo de treinamento desses exorcistas que se dá sempre em dupla, onde um exorcista novato acompanha um exorcista experiente para aprender, “A Igreja também criou programas, oficinas e associações para ajudar o exorcista a entender melhor como ajudar aqueles que o procuram” e aponta como isso é necessário para que o exorcismo exerça para a Igreja, a função para o qual, segundo ele, o ministério fora deixado, “Ele (o diabo) continua essa atividade no mundo de hoje e, para combatê-lo, a Igreja usa o ministério do exorcismo” (Lampert, 2020, p. 35, tradução nossa).

Mas o que desperta interesse de fato neste livro, é ver como esse exorcista designa a mudança de comportamento como elemento central na equação que leva a libertação do demônio, o que é explícito em vários momentos no livro.

Assim como Amorth e Bamonte, Lampert revela que essa ideia do ritual atuar como o meio de reinserir um sujeito de volta a vida cristã ainda é pujante em 2020, atuando de maneira muito mais organizada e complexa, mas configurando o mesmo mecanismo de correção de comportamentos que Amorth propõe na década de 90, ou seja, de conduzir o sujeito não somente a ritual simbólico onde através da violência pela qual se dá fique visível, quase palpável, a “realidade” do conflito espiritual entre os cristãos e os demônios, mas interpela o sujeito abandonar um conjunto de práticas e comportamentos considerados como pecaminosos ou satânicos, e adotar um outro conjunto de comportamentos ditados pela Igreja Católica “Não basta simplesmente expulsar o demônio, é preciso também convidar Deus para entra”(Lampert, 2020, p. 70, tradução nossa).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do exorcismo no mundo contemporâneo, longe de se restringir a um resíduo de religiosidade pré-moderna, revela-se como uma prática complexa, moldada por discursos, instituições e disputas que inscrevem no corpo do sujeito uma pedagogia da fé e uma economia do sagrado. Mais

que um ato litúrgico de expulsão do mal, o exorcismo é uma tecnologia religiosa de recondução de realinhamento dos comportamentos, de reatualização dos vínculos com a tradição católica e de reinserção do indivíduo em um regime específico de verdade.

Se a luz evocada nos discursos dos exorcistas pretende dissipar as trevas da possessão, da apostasia ou da modernidade desviada, ela o faz por meio de operações históricas bem definidas: textos que circulam, saberes que se organizam, práticas que se consolidam, narrativas que se estabilizam. O exorcismo, enquanto prática discursiva, permite observar como se articula uma resposta concreta da Igreja e de grupos católicos a um mundo que já não lhe pertence inteiramente, uma tentativa de reafirmação da autoridade espiritual em meio ao pluralismo religioso, ao avanço da racionalidade científica e à fragmentação moral percebida por seus agentes.

Neste capítulo, buscou-se evidenciar que os discursos do exorcismo são também lugares de construção de sentido sobre o tempo, sobre o mal, sobre o corpo e sobre a sociedade. E que essas construções merecem, cada vez mais, ser analisadas sob a ótica da História não apenas como registros de crença ou curiosidade etnográfica, mas como objetos de saber historicamente situados, atravessados por tensões, por mediações institucionais e por disputas de legitimidade.

Que este trabalho possa, ainda que em gesto inicial, contribuir para a ampliação de um campo que no Brasil ainda carece de produção histórica sistemática. É preciso fomentar um olhar historiográfico que se debruce com rigor e seriedade sobre as formas pelas quais a Igreja, por meio do exorcismo, tenta gerir o sofrimento, reconfigurar subjetividades e responder aos desafios da modernidade. Afinal, iluminar esse campo não é apenas dissipar sombras, mas compreender de que luz se trata, quem a acende e a que custo ela brilha.

## BIBLIOGRAFIA

AMORTH, Gabrielle. **Un esorcista racconta**. 17. ed. Bolonha: EDIZIONI DEHONIANE BOLOGNA, 2000. 144 p.

AMORTH, Gabrielle; PAOLO, Rodari. **L'ultimo esorcista**. 1. ed. Itália: Piemme, 2010. 266 p.

BAKTHIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. ed. [S. l.]: Forense Universitária, 2010.

BAMONTE, Francesco. **Critérios de discernimento oferecidos aos pastores de almas para compreender se uma pessoa deve ser submetida à avaliação de um sacerdote exorcista**. Conferência apresentada na Convenção da Associação Internacional dos Exorcistas, Roma, 25 set. 2018.

BAMONTE, Francesco. **La Vergine Maria E Il Diavolo Negli Esorcismi**. 1st ed., Paoline, 2010, p. 170.

# HISTÓRIA E CULTURAS

BAMONTE, Francesco. **Como reconhecer o astuto pai da mentira:** possessões diabólicas e exorcismos. Tradução de José Geraldo de Souza. Apresentação de Gaetano Bonicelli. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.

BAMONTE, Francesco. : **Possessioni diaboliche ed esorcismo.** Come riconoscere l'astuto ingannatore. 1st ed., Paoline, 2004, p. 233.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1999.

CHARTIER, Roger. **História Cultural:** entre práticas e representações. 1. ed. MiraFlores: Difel, 2002

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7. ed. São Paulo: Forense universitária, 2008. 244 p.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento.** Petrópolis: Vozes, 2008.

HOBSBAWN, Eric. **A Era Dos Extremos:** O Breve Século XX (1914 - 1991). 1917. 2nd ed., São Paulo, Companhia das letras, 1997, p. 478.

LAMPERT, Vincent. **Exorcism: THE BATTLE AGAINST SATAN AND HIS DEMONS.** [S. l.]: Emmaus Road, 2020.

LAYCOOK, Joseph. The Catholic Church's views on exorcism have changed: a religious studies scholar explains why. **The conversation**, Itália, n. 1, p. 1-8, 20 maio 2022.

SILVA, Leandra Bento da; BATISTA, Mércia Rejane Rangel. A Igreja Católica e a manutenção da clausura em pleno século XXI: algumas questões para reflexão. **Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 20, n. 28, p. 15-32, jan./jul. 2018

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

